

Correio das Artes

Ano I Número 13 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" João Pessoa, 19-6-1949



DOSTOIEVSKINA

ORLANDO ROMERO

“Ao primeiro contacto compreendia-se que Dostoevski era um jovem extremamente nervoso, e impressionável. Era de estatura pouco elevada, magrinho, alourado. A pele tinha uma cor doentia. Suas pequenas pupilas cinzentas escorregavam de um objecto a outro, com inquietação e os lábios pálidos tinham leves contrações”. Esse é o retrato do escritor russo feito pela Senhora Panaiev em suas Recordações.

Numa reunião elegante apresentavam-no a Seniavina, mulher lindíssima, “de olhos calmos e frios”. O escritor empalidece, roda-lhe a cabeça, e cai desacordado no chão.

Ninguém sofreu tanto quanto Dostoevski. Hipersensível, todas as emoções impregnavam-se de tal modo em seu espírito que impossível seria conservá-las, recalçadas. Brotavam em catadupas violentas, apressadas, como se de um jacto pretendesse expressar tudo o que lhe ia na alma. Sabia bem que no íntimo fôsse Dostoevski um sentimental, os seus personagens encarnaram os tipos mais extravagantes, quasi sempre maus sádicos, capazes de perpetrarem os crimes mais horripilantes. É que Dostoevski sabia, como ninguém, dissecar a alma humana.

Os seus próprios dramas refletiam-se nas páginas que escrevia. As constantes crises de epilepsia acabrunhavam-no, e ele sentia necessidade de uma vingança contra o público. Era como que um desabafo. Talvez um reflexo de sua timidez. Em seguida recuperava a calma e uma lassidão, total envolvia-lhe; eis o outro homem o seu duplo: ponderado, caridoso, bom.

Nos momentos de desespero,

Dostoevski lembra aquele personagem de Stendhal que amargurado e intrigado contra os seus próprios insucessos, clama: “Meu Deus! por que é que eu sou eu?”.

Ao contrário de Tolstoi, ele furtava-se em apresentar homens altruístas, humanitários reformadores, porém aquilo que escondemos avaramente nos recônditos do nosso ser. Assim vêmo-lo brutal, humilhado e ofendido.

O melhor dos homens pôde sofrer as influências do meio e tornar-se o oposto do que sempre desejara ser. O jogo, o sensualismo, o crime, as idéias mais vis podem assaltar e dominar qualquer um. Se Dostoevski passou por tudo isso, embora outro fôsse o seu intento, muito natural seria acontecer o mesmo a todo homem.

A sua infância atormentada foi o primeiro passo para a formação do romancista. Depois, na juventude, sofreu o contacto da sociedade com todas as suas maldades. Os amigos mais íntimos criticavam-no hostilmente; as mulheres bonitas zombavam dele. E cada achincalhe contribuía para a construção do seu mundo interior, alijerçado de dores e decepções. Todavia ele era ingenuo, magnânimo. Com o primeiro sucesso literário graças à publicação de Pobres Diabos, temos um Dostoevski ri-sosinho, comunicativo, vendo o mundo todo azul. Não tardaria a apresentar-se em sua vida a cerração de um nevoeiro perpétuo. Os editores aproveitandose de sua miséria financeira exploram-no, adjuntam-lhe insignificantes quantias e marcam curtos prazos para a entrega de novos romances. De todos os lados aparecem exa-

A FONTE

FRED PINHEIRO

*ARCOS voltaicos iluminam a última gargalhada,
o sulco da vitória a marcar a inexpressiva
máscara de gesso — sinistro troféu
ou talvez a máxima glória,
a lembrar a desfiguração da infância
no retorno à sua origem.*

*O olhar opaco interroga os presentes
que da morte ausentes, contabulam.
Sorrisos flutuam adocicados
por entre as flores da náusea.*

*Da radiola — a lírica amante —
ressuscitando a serenidade perdida,
o canto gregoriano desdobra-se
invadindo o território do sono.*

*As notas oceânicas de um órgão
coroam a última visão
da máscara de gesso
na impassibilidade final.*

torcionári s. Dostoievski trabalha incessantemente para viver. Os româneos surgem e os críticos atiram-se sobre eles como corvos famintos; descobrem-lhes erros e não perdem vasa de taxá-los de pastiches das obras de Gógol. Entretanto, Dostoievski é o primeiro a confessar a influência exercida por Gógol e Puşkin sobre todos os escritores russos de sua geração.

Turguenev sempre viveu em choque com Dostoievski. Turguenev era "ocidentalista" e Dostoievski cem por cento russo. Durante os quatro anos que Dostoievski passou na Europa apareceram algumas produções literárias, mas nenhuma fôge às características russas. Para ele seria impossível viver sem Moscou ou S. Petersburgo... Paris parecia-lhe uma cidade frívola, "espantosamente triste".

Turguenev deixa transparecer grande desprezo pela Rússia, em FUMAÇA: "Se a Rússia desaparecesse da face da terra, a humanidade não experimentaria nenhuma perda nem extremeceria". Dostoievski revida o insulto, exalta a Rússia e os eslavófilos. Em seguida fêre o rival: "Não pensei que o fracasso de FUMAÇA e todos esses máus artigos o exasperassem tanto".

O crítico Bjelinsky também odiava Dostoievski, depois que viu as suas idéias socialistas rejeitadas por ele. A princípio, antes de suas manifestações políticas, chegou a dizer que Dostoievski era a maior descoberta do século.

Com o aparecimento sucessivo de alguns româneos é que Dostoievski conseguiu recuperar o apoio dos críticos russos. As Recordações da Casa dos Mortos prepararam o caminho do êxito. Crime e Castigo, O Idjota, Os Possessos e Os Irmãos Karamazov consagraram-no incondicionalmente.

Sem dúvida, o gênio literário de Dostoievski produziu muito mais se outras fôsssem as condições de vida. Tudo parecia dificultar-lhe a marcha: pobreza, epilepsia, hemorroidas, dramas íntimos, etc. "Acredita-me — escreve ele — sei perfeitamente que se tivesse dois ou três anos garantidos para fazer este române, como acontece com Turguenev, Gontcharov e Tolstói, eu também escreveria uma obra de que haveriam de falar cem anos mais tarde!" E o interessante é que, lutando contra a adversidade, Dostoievski escreveu a mais emocionante coleção romântica de todos os tempos. A sua obra mostra o mundo em que vivemos. E não podemos culpá-lo por isso. Os quadros mais revoltantes aparecem exponetaneamente em seus personagens, que são reais, burgueses, homens do povo como todos nós.

Foi com certa dificuldade que o romance de Dostoievski conquistou público fora da Rússia. Os franceses olhavam-no com frieza. Não obstante a alma humana é uma só. Todos os países estão sujeitos a exibirem indivíduos os mais diversos. Baudelaire generalizou a sua afirmação: "Há em todo homem duas tendências simultâneas: uma para Deus, outra para Satan". Dostoievski apenas revelou isso em seus dramas.

Do entroschamento de vícios, virtudes, crimes e paixões que tão bem caracterizam a alma humana, surgiu no idioma russo a palavra DOSTOIEVISCHINA, em homenagem ao grande romancista.

Paulo Chostakowski em sua obra HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA, diz "que se a palavra DOSTOIEVISCHINA fosse de pronúncia mais fácil, seu renome e uso seriam universais, pois Dostoievski pertence à humanidade inteira".

PRESENÇA

JOÃO GERALDO LEITE

CAVALOS DE SENTIMENTOS GALOPAM NO MEU
[SANGUE
CARREGANDO LEMBRANÇAS
CARREGANDO MOMENTOS
CARREGANDO PALAVRAS
PALAVRAS E GESTOS
CARREGANDO A BELEZA INTRANQUILA DO ROSTO

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fônsêca, Edson Nery da Fônsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fônsêca, José Lins do Régio, Juaréz Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostillo Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

VIAJANTE PERDIDO

ANTONIO SANTOS MORAES

AS estradas jamais se abrirão para o viajante perdido
Pojs a floresta se multiplica na noite
E as estrelas jamais indicarão um caminho.
Os pés cansados de tanta caminhada inutil,
As mãos nervosas de tanto apontarem o infinito.
A solidão, somente a solidão é maior que a noite
E o esmaga e aniquila como um verme.
Ah! viajante perdido, já que não queres cavar o teu
[próprio tumulo,
E te imobilizar silencioso e humilde no leito frio,
Abre tu mesmo tua estrada através do desconhecido.

Poema das Duas Faces

J. J. TORRES

O TURISTA VÊ RECIFE:
CIDADE GRANDE,
COM BELAS RUAS
E LARGAS PONTES,
LEMBRANDO MULHERES
QUE INSPIRAM CANCIONEIROS
E TRANSFORMAM DESTINOS.

O POETA VÊ RECIFE:
CIDADE SOMBRIA, DE RUAS TRISTES
ONDE CANTAM MULHERES PERDIDAS
E AGONIZAM CRIANÇAS FAMINTAS,
RECIFE ONDE SE ERGUEM
AS PENSÕES DOS AMORES FACEIS
RECIFE SOFREDO...
RECIFE GEMENDO...
RECIFE GRITANDO...

O ROSTO

NILO PEREIRA

É POSSIVEL que haja quem não tenha gostado do título que o poeta Guerra de Holanda deu ao seu livro de poemas — "O Rosto". Por mim vejo nêsse rosto poético aquela face bíblica em que se imprimiram as coisas mais extraordinárias do mundo e que fazem o mistério do homem.

Sob êsse aspecto, talvez não exista expressão tão profunda para dizer o que é o homem: o rosto, ou melhor, a face. Tenho a impressão que outro não foi o sentido que lhe deu Guerra de Holanda, porque sua poesia é profundamente interior; e o que está dentro do homem na face é que se mostra. No rosto é que se estampa.

O rosto da humanidade é, em Guerra de Holanda, um reflexo dos maiores dramas cristãos, que o poeta descreve e aprofunda como se estivesse a passar liricamente os mãos no rosto de cada criatura para sentir a alma dos que padecem e vê o que podem significar para mais ou para menos, na escala do sofrimento, as marcas que o tempo vai deixando na face.

No poema "O Suicida" essa visão está bem patente:

Nas palmas da mão
Que trazem alívio
Passando no rosto
Do homem descrente
Nos dedos tão ágeis
Morenos ou pretos
Que arrancam ternura
Do corpo insensível
Me torno suicida
Me envolvo de morte
E aguardo os clarins
Cantando a chegada
Do filho de Deus.

Essa chegada do Filho de Deus, na poesia de Guerra de Holanda, constitui só por si um tema. Os dramas da queda e da perdição encontram no poeta um exegeta acabado; e já Manuel Bandeira falara, a respeito de Guerra de Holanda, na "poesia restaurada em Cristo". Não hesito em situar o autor de "O Rosto" entre vários poetas ontológicos, que são, por vezes, como lembra Claudel, poetas do remorso. Poetas como Baudelaire em quem Claudel, ao seu ensaio "Religion et Poésie", vê um dos maiores do mundo, pois através de sua experiência humana, dolorosa e desregrada, brilha sempre o mistério cristão da vida que estará em cada criatura toda vez que, tendo caído, consiga erguer-se um pouco acima de si mesma.

O poema "A Galera do Desepêro" tem êsse grande sabor do mistério. Que outra coisa não é essa galera senão a própria vida, arrastada na onda de tantas angústias e de tantas revoltas?

Me abrigue o porto seguro
Do manto da mãe de Deus!
Me amarre nos seus cabelos
A noiva que me esperava
Que este barco ainda se salve
Pela Mãe dos Navegantes
Nossa Senhora do Mar!

A explicação que procuro dar ao título do livro de Guerra de Holanda não me parece que tenha sido uma simples força de expressão; e sim uma interpretação do estado da alma do poeta, voltado para o que a vida possa conter não apenas de dramático e de poético, mas de cristão e de eterno. O rosto que êle descreve tão

abundantemente, com recursos líricos admiráveis, é o de Zulmira, evidentemente um símbolo de mulher degradada e infeliz. Da grandeza ontológica de sua poesia, suscitada pela face da mulher perdida, diz bem o poema de que cito apenas, como visão bíblica do remorso, o seguinte trecho:

Que Zulmira não seja mais a prostituta vulgar
Com o ventre à espera de penetrações estéreis!
Que seu coração não seja mais o pedregulho
Onde a semente jogada morra inutilmente!
Que se aproveitem as suas lágrimas e os seus cabelos
Para um novo lava-pés de Cristo, Nosso Senhor!
Que se salve o resto de sua beleza
Do naufrágio angustioso da carne vendida!
E que sua alma também seja salva pela misericórdia de
[Deus!]

Outro poema da maior intensidade cristã é o da "Rua do Bom Jesús". A face humana aí se mostra ao poeta impura e imunda. Daí o seu apêlo:

Senhor, tende piedade dos homens noturnos!
Senhor, tende piedade das mulheres perdidas!

De toda essa viagem do poeta através da experiência humana e de que nos traz u'a mensagem ao mundo cristão, não sei se poderíamos conseguir uma expressão mais altamente simbólica do que aquela que êle pôs no pastor protestante que

E' pai de família exemplar
De dia ensina o evangelho
De noite, êle vive a tocar.

Dêsse pastor e baterista de cabaré diz-nos o poeta:

E êle nem ouve a música que sai
De suas mãos grandes, tão puras,
Nem vê-nos homens que bebem no gin,
No vinho, desenganos, amargura.

O rosto dêsse pastor é o da própria poesia de Guerra de Holanda, vagueando entre vícios e pecados, mas sempre pura, sempre lírica, sempre nobre. No pastor há um drama do sofrimento comum; mas, no poeta há uma visão da vida através da face de uma humanidade sofredora e vária, que tanto está no remorso sem remissão de Lénora, em quem subsistem todos os horrores da queda, quanto na redenção de Sônia, que é uma sinfonia da libertação na noite do pecado cotidiano.



FAC-SIMILE DE MARIO DE ANDRADE

15 de Novembro - Viva a República!

Tarsila, minha querida

amiga

(Agora a letra corrente de conversa)

Quêdo: 'foste fiquem se bem os
Teoria e desmepes e como vistas em
Paris quando você aqui chegou,
temos longa, na certa. Desde já, de-
sifio mais todos juntos, Tarsila,
Oswaldo, Sérgio para uma discuss-
ão formidável. Vocês foram a
Paris como burgueses. Estes apêti-
s se ficaram futuristas! 'hi! hi!
hi! Ocho de minha mas é ver-
dade que considero vocês todos
uns coisinhos em Paris. Vocês
se pariamzaram na epiderme
Tarsila é horrível! Tarsila, Tarsila,
volta para dentro de ti que
me abandonas o Joo e o
Mito, empresários de críticas
nos de capitos e de, estemas

de adeito, 'Abaixa dona Paris!
Tarsila! Tarsila! 'Okim para
a mata-nurgem, onde não ha
arte negra, onde não ha tam-
bém arroos gautis. Ha MATA VIR-
GEM. Brian o matavirgismo
Tem sua virgista Dinao i
que o mundo, a arte, o Bra-
zil e minha queri deusa ma
Tarsila preman

Se vocês tiverem cores, em
mancha para cá, a cá tem um
desafio

É uns uma linda ner na
moldura verde de mata a
figura lenda, renascente de
Tarsila Amaral B. he, arer nleis
coro, confiante e te beifura
e mãos divinos
Um abraço amado seu,
do PJ

CULTURA

JOÃO DE BARROS

O alto nível da menta-
lidade brasileira em tudo
se manifesta e patenteia.
Faz gosto seguir a marcha
ascensional daquele ad-
mirável país, para desti-
nos cada vez mais segun-
tos, mais arejados e mais
somplos. Caminha sem in-
terrupção no sentido do
progresso material, inter-
lectual e social, e impõe-
se ao Mundo, e não ape-
nas ao continente sul-ame-
ricano, com uma firmeza e
uma decisão sempre reno-
vadas. Quando, em 1912,
visitei pela primeira vez o
Rio de Janeiro e São Pau-
lo, cativou-me logo a vi-
bração de excepcional vi-
talidade ali observada. E
nunca deixei de verificar
a presença e permanência
dessa forte vitalidade, que
o povo mais hospitaleiro,
mais efetivo do globo va-
ronilmente afirma dia a
dia. Sente-se latejar o fu-
turo no anseio criador e
construtivo da alma do
Brasil, pela palavra "al-
ma" entendendo-se o con-
junto e síntese das virtu-
des e energias que nêle se
evidenciam e de fato do-
minam os êrros e defeitos

efêmeros que se lhe pos-
sam ou devam acaso atri-
buir.

Isto vem a propósito du-
ma bela e recente publi-
cação do Ministério de E-
ducação e Saúde que nes-
te momento recebe. Inti-
tula-se "Cultura", é dirigi-
da pelo Dr. José Simeão
Leal e colaborada por al-
guns dos mais gloriosos
nomes da literatura, da
ciência, da arte e da peda-
gogia brasileiras, contem-
poraneas. Dividida em
duas grandes seções, con-
forme plano organizado
dentro de critério muito lú-
cido e muito prático —
"Pensamento" apresenta
ensaios valiosíssimos —
destaco, por serem de au-
tores mais conhecidos em
Portugal, os de Renato Al-
meida e Gilberto Freyre —,
e, na outra, críticas e sín-
tese, aspectos salientes de
ideias, realidades do mo-
mento universal. Como se
vê, um sumário notável
que mesmo numa Pátria
onde mais revistas de sín-

gular prestigio existem —
por exemplo, a "Revista
Brasileira", de nobres tra-
dições — dá a "Cultura"
um lugar inconfundível.
Por agora, deter-me-ei ape-
nas um pouco — um pouco
só porque o espaço é limi-
tado — no estudo de Re-
nato Almeida "A América
e o Nacionalismo Musical",
páginas de impressionan-
te revelação, em que a
música brasileira é, dire-
mos, glorificada como a
"expressão artística domi-
nante da sensibilidade" da
gente brasileira, "nenhuma
arte, no Brasil", tendo-se
ali criado ou criando-se
"com tantos elementos nas-
cidos do povo". Renato
Almeida, talento de rara e
sutil penetração e homem
de exaustivo saber em tal
matéria, justifica d mane-
ra irresponsível esses con-
ceitos, sem diminuir, claro
está o valor e a importan-
cia da literatura, da poe-
sia ou das artes plásticas,
nas terras de Santa Cruz.
Mas, fixando bem, que

mesmo na música erudita
se exprime "o lirismo da
alma popular" da grei, su-
bscreve a "incisiva" opi-
nião de José Lins do Rêgo,
de quem cita esta conclu-
são definitiva — "o que é
mais característico brasi-
leiro é a nossa música...
a grandeza brasileira está
mais em Vila-Lobos de que
em Machado de Assis".
Não me permito discutir
— nem seria útil fazê-lo —
se é ou não é assim. Re-
gisto unicamente o concei-
to, que merece longa me-
ditação, e que situa a mú-
sica brasileira num plano
superior ao que em geral
lhe é apontado, e, tam-
bém, que de vez a coloca
à frente de toda a música
americana, sendo esta
considerada "a expressão
coletiva do novo mundo".
"Cultura", aliás, nos di-
versos temas de que os
seus colaboradores se o-
cupam, demonstra a pri-
mazia espiritual do Brasil
na América do Sul, senão
na América inteira. É uma
esplendida prova, um indi-
ce inegável de mentalida-
de e de civismo incompa-
ráveis.

ANGUSTIA

Conto de LINDUARTE NORONHA

TIAO corria.
Corria em busca da igreja.

Seus olhos eram grandes como as trevas da noite. Noite que viria.

A roupa suja e rasgada. Os lábios grandes e brancos de fome.

As ruas alargavam-se a sua passagem. Também os prédios. Também as pequenas casas. Os carros pareciam relâmpagos. Tiao nada via. Sómente a Fome. Sómente a igreja com os santos. Sómente a vontade de tirar. De roubar.

A igreja se aproximava. Ele via suas mãos crescerem em busca dela. Eram enormes. Avançavam pela rua, em busca do dinheiro da igreja. Os dedos avolumavam-se. As unhas. Cada dedo valia por uma garra. Cada unha, por uma guilhotina. Que iria degolar os santos. Assim pensava Tiao. Guilhotina de santo. Ele seria o carrasco.

Recuar. Voltar. E a Fo-

me? Esta lhe empurrava. Tinha que matá-la. Para isto, só dando-lhe algo. Dinheiro, pão. O pão está na padaria. O dinheiro na igreja. Bem juntinho do santo que balança com a cabeça. Igreja e padaria. Na primeira, o dinheiro. Na segunda, o carrasco da Fome: o Pão.

Tiao corria.

As casas passavam. A mão imaginária crescia cada vez mais.

Quiz retroceder. Não deixou o estômago. A igreja já estava próxima. A padaria ficava mais longe. Olhou para os lados. Ninguém o olhava.

Apareceu o templo. Templo belo. Tiao, feio. Altares de prata e ouro. Santos de mármore, vestidos de setim e cambrás finas. Tiao de saco e estôpa. Bem juntinho do santo há dinheiro. Bem juntinho de Tiao há a Fome. Dinheiro e Fome. Pensa Tiao. Igreja e padaria.

Tiao chega.

Ouve belas vozes pelo interior do claustro. Vozes masculinas e femininas. Chora. A Fome é grande. Entra desconfiado. Ninguém. Olha para os lados como gatuno. E gatuno será. As moedas estão depositadas numa pequena bacia de prata. Moedas reluzentes. Moedas que tentam. Moedas traiçoeiras. Moedas redondas como a cara de Tiao. Moedas, assassina da Fome. Fome, assassina da Fé. Fé, que Tiao deve ter. Fé que será substituída pelo alimento.

Aproxima-se.

Olha para os santos. Todos os santos estão olhando para ele.

Olhos que expõem fogo e ódio. Os de Tiao, Fome e timidez. Há uma luta entre a Fé e Fome. Uma terá que ser vencida. Outra, a vencedora. O juiz será Tiao. Toca na moeda. Sente um choque. Tira a moeda. A música, como um ultrassom, fere seus ou-

vidos. Fica extasiado. Os santos continuam mudos, com olhares de fogo. O silêncio dos altares tortura. Quer correr. Os santos não deixam. Vence a Fome. A Fé volta-se, e recolhe-se pelos altares.

Um grito alucinante parte dos lábios de Tiao, parece ver toda a igreja marchar contra ele: santos, lectos, altares, cadeiras, janelas, tudo.

Aparece o vigário. Encontra a moeda nas mãos do menino. Analisa seus trajes.

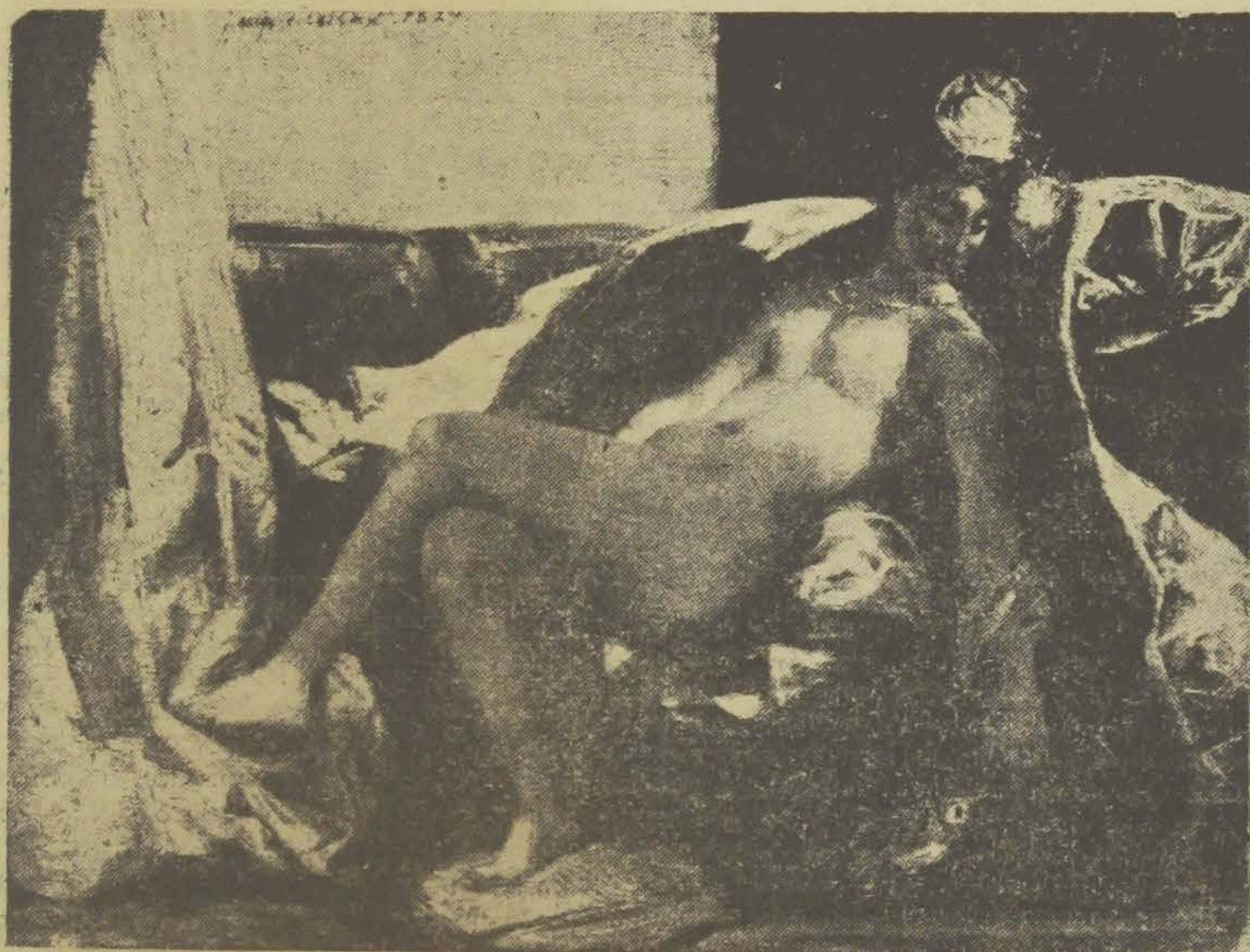
— Que fazes? Indaga.

— Nada... na... da... venho dar ... es... a moeda pro santo... Consegue dizer.

— Coloca aí, e vai-te. O santo te agradecerá.

O moleque deposita, e corre para a rua. O padre fica a olhar.

A tarde começa a cair. O santo fica com a moeda. Era como se Tiao fosse o santo, e o santo fosse Tiao.



ODALISCA — Eugene Delacroix. (Museu de Lyon)

Noticias

ATIVIDADE DE MARIO DONATO

EX-DIRETOR das "Folhas", e autor do romance que maior repercussão teve no Brasil nos últimos tempos, Mario Donato acaba de voltar às suas atenções para o rádio-teatro. Está, no momento, supervisionando o Rádio-Teatro da Excelsior de São Paulo.

LITERATURA NO RADIO

Anuncia-se que alguns dos livros do sr. Octavio de Faria serão transportados para o rádio. Mais um para as "emocionantes novelas"...

"Na Espadana Branca"

PRETENSÃO PROVINCIANA

NÃO faz muito tempo, certo intelectual, ainda novo e cheio de sonhos, disse-me, com muita ênfase, que o seu livro de estréia seria editado, gratuitamente, por uma editora do sul. Achava ridículo um escritor custear edições. Ridículo e humilhante. Caso não conseguisse a confecção gratuita de sua obra que, sem dúvida, constituiria uma valiosa contribuição à mirrada literatura brasileira, desistiria de publicá-la. Do seu bolso é que não cairia um tostão.

Comoveu-me a arrogância, o entusiasmo vaidoso, a pretensão ingênua desse jovem intelectual de província, pensando que o céu é perto, iludido ainda com a vida, julgando-se o centro do mundo, talvez a última encarnação de Flaubert.

Nada mais natural do que um autor — sobretudo na época atual, com a crise batendo à nossa porta — editar sua obra de estréia com o dinheiro de seu próprio bolso. Não vejo nisso nenhuma humilhação. Pelo contrário. Demonstra o sacrifício, o heroísmo em que se debate o intelectual brasileiro, ainda desconhecido do público, principalmente quando mora nas províncias, distante de amigos influentes e de editoras. Trata-se de um gesto de modéstia e de muito amor às letras. Mostra o espírito de independência do autor que se apresenta sozinho, lutando para realizar um sonho acariciado desde os bancos escolares e que num grande esforço, financia tudo por sua própria conta.

Mais adiante, depois de se firmar nas letras, evidenciar o seu talento, então, é bem possível que as editoras se lembrem de editar os seus trabalhos.

Dai, muitos rapazes da atual geração literária procurarem imprimir o seu primeiro livro acarretando com todas as despesas.

O escritor José Lins do Rêgo declarou, um dia, que o seu livro de estréia só saiu à luz da publicidade, graças ao dinheiro que carregava na carteira, e isto mesmo depois de muito adular e trabalhar. Se não estou enganado, Euclides da Cunha atidou suando pelas ruas do Rio, com os originais de Os SERTÕES dentro de uma pasta, até que a firma Laemmert se encarregou de publicá-los.

Vejo, portanto, muita ingenuidade, muita infantilidade nesse jovem literato, quando afirmou só publicar o seu livro de estréia, gratuitamente, como se fosse um talento às vistas, um nome que corresse de boca em boca, conhecido mesmo do Amazonas ao Chui.

CARLOS RÓMERO.

UM ESCRITOR PARAIBANO

O DIÁRIO CARIOCA publicou, há dias, uma nota referente a um jovem escritor paraibano, que vem se dedicando à crítica. Trata-se de BRAULIO DO NASCIMENTO. Transcrevemos abaixo o comentário: — Bráulio do Nascimento nasceu na Paraíba, a 22 de março de 1924. Embora pouco conhecido, pois ainda não publicou nenhum livro e se manteve sempre distante dos suplementos, esse jovem se inclui entre as figuras mais representativas da atual gera-

ção. Suas atividades se prendem à crítica, gênero para o qual possui todos os elementos essenciais ao seu desempenho. Metódico na sua vida de leitor, equilibrado na conceituação dos livros que analisa, Bráulio do Nascimento é, indiscutivelmente, uma vocação crítica das mais promissoras.

EÇA DE QUEIROZ NA INTIMIDADE

EÇA deixou uma boa parte de sua correspondência desconhecida do público. Agora, inormas de Portugal, que a

família do consagrado escritor tanto aos intelectuais como aos tem a iniciativa de editar bibliófilos.

essas cartas, reunindo-as em volume, que, decerto, constituirá um grande acontecimento. Endereço: Rua Fernando Mendes, 7, 12º andar — Rio de Janeiro.

"PUREZA" EM INGLÊS

JOSÉ Lins do Rêgo vai ser conhecido agora pelos leitores de língua inglesa. O seu romance PUREZA, que constitui uma das melhores obras da ficção brasileira, acaba de aparecer em Londres, lançado pela casa editora HUTCHINSON, em tradução de Lucie Marion. Mal surgiu nas livrarias londrinas o livro de José Lins, a revista BRITISH BOOK NEWS publicou, em seu número de março, um elogioso comentário ao autor do "ciclo da cana do açúcar".

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

"REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO" — Edição da Secretaria do Interior e Justiça de Pernambuco, 2º semestre, ano II, número IV, 1948.

Otima impressão gráfica. A referida revista traz vários trabalhos de interesse histórico e administrativo e colaborações de Sérgio Hígino, Augusto Duque e Jordão Amerenciano, além de notícias sobre livros novos e notas variadas.

"GAZETA DE LIMEIRA"

— Jornal editado na cidade de Limeira, São Paulo, número de 8 de maio de 1949, com redação de Antonio Tenório de Rocha Brito. Diretor de imprensa: dr. Brenno Machado Gomes.

Endereço: Rua dr. Trajano, 568, Caixa Postal 11. Limeira — São Paulo.

"AUTORES E LIVROS"

Direção e redação de Mucio Leão. Apresenta no seu n.º 12 vasto noticiário relativo à vida dos livros e movimento editorial. Órgão sobretudo informativo, AUTORES E LIVROS torna-se indispensável

"ARMAS Y LETRAS"

Recebemos o número 1, ano VI, referente a janeiro de 1949. Trata-se de um boletim mensal "de la Universidad de Nuevo Leon".

Redatores: Francisco M. Zertuche, Carlos Villegas, Alfonso Reyes, Aurrecochea, Guillermo Gerda G. Raul Rangel Frías e Edmundo Alvarado Santos. Direção de Raul Rangel Frías.

Endereço: Monterrey, N. L. Mexico.

"TRIBUNA DE TUAPE"

— Editada em São Paulo. Direção de Corryntho Balduino Costa Junior. Temos em mãos os números 21 e 23, sendo este último comemorativo ao 1.º aniversário da TRIBUNA.

Endereço: Av. Celso Garcia, n.º 24.571, São Paulo.

"LEIA-ME"

— Revista mundana, que obedece à direção de João Framer. Editada em Florianópolis, Santa Catarina. Recebemos os números 5, 6 e 7. A referida publicação traz várias notícias e colaborações sobre diversos assuntos.

Endereço: R. Victor Meireles, 34, Florianópolis, Santa Catarina.

"ANCHIETA"

— Revista mensal da editora ANCHIETA, em São Paulo. É seu diretor Geraldo de Ulhoa Cintra. No número que recebemos, referente a abril deste ano, apresenta, além de várias notícias literárias, A PRINCESA DE CLEVES de Mme. Lafayette.

Endereço: Rua Xavier de Toledo, 216, São Paulo.



Os Cristãos Novos e a Colonização Lusa

JOSE LEAL

CONCLUE-SE, diante da relação incompleta das pessoas colhidas nas marlhas do Santo Ofício que, na primitiva população branca da Paraíba colonial, predominavam os elementos de origem judaica.

E nem outra conclusão pode-se tirar, em face do grande numero de vítimas levadas perante o terrível tribunal — mais de uma centena — proporção enorme para uma população de sangue europeu que excedia pouco de oitocentas unidades. Contribuição, na verdade pavorosa, mas que vale como uma demonstração concludente da intensidade da corrente de sangue semita incorporado às fontes nativa, peninsular e africana, que, fundidas, produziram o tipo nordestino.

A relação incompleta das vítimas daquela sinistra instituição, que ainda restam, contem nomes de quasi todas famílias atuais, não figurando neles, apenas, os daqueles que só posteriormente aqui se fixaram.

O afluxo de descendentes do povo judeu para as terras novas do continente americano, filiou-se às mesmas causas doutros movimentos migratórios observados no velho mundo, na mesma época. As condições políticas e econômicas das raças em subalternidade, eram mais do que deshumanas, nascendo dessa situação opressiva o estímulo para o deslocamento dos indivíduos das castas marcadas pela intolerância religiosa e estigmatizadas pelo despotismo das classes dirigentes,

que procuravam ambientes mais livres onde lhes sorrissem perspectivas de socorro e, talvez, de prosperidade.

Os chamados cristãos novos viviam na Península a meio insulados na sociedade devota do tempo, sujeitos aos rigores da discriminação religiosa, submetidos a um regime de restrições drásticas, originando-se dessas condições a euforia com que aderiam às aventuras dos descobrimentos e das colonizações. As terras de além-mar lhes abria novos horizontes, lhes acenavam com uma existência na qual o valor e a inteligência próprias eram fatores preciosos do êxito, e os oprimidos dos Gheros peninsulares se atiraram à aventura vindo dilatar os demonios da civilização ocidental nas plagas calidas do continente recém-descoberto.

A Paraíba foi, talvez, a região, a área em que maior se fez sentir o afluxo desses elementos, como indicam os documentos dos arquivos do Santo Ofício reveladores, na trama da classificação dos delitos atribuídos às suas vítimas, da alta percentagem de cristãos novos incorporada ao núcleo de habitantes em formação.

A predominância de tais elementos na sociedade da Paraíba colonial está comprovada pelo fato das lendas e os episódios históricos, que a tradição conservou através das gerações, girarem todas em torno de

personalidades daquela raça, ou dela descendentes, como é o caso da lenda mais difundida e que tem resistido aos impactos dos tempos e às investidas destruidoras dos negativistas.

É a lenda de Branca Dias, cantada pelos poetas não obstante o seu nome não figurar em nenhuma das relações dos réus paraibanos da Santa Inquisição.

A ausência de afirmativa documental não tem conseguido amortecer a crença na existência dessa criatura, que seria possuidora de sublimes encantos físicos, multiplicados na imaginação, mercê da simpatia natural que sentimos pelos que se situam no rol dos mártires.

Verdade ou criação imaginária, a tradição conserva a sua memória rediviva em nossa mente, forçando a reconstrução, em pensamento, da trajetória de dor que ela descreveu, desde as margens impaludadas do Gramame à beira fuliginosa da fogueira crepitante que lhe consumiu o corpo virgem.

O episódio deve ser interpretado como testemunho da intensa fixação de cristãos novos ao solo paraibano e, por isso, pertence o seu estudo mais ao campo das pesquisas de história e sociologia do que à área onde a imaginação pode soltar as redes do seu corcel impetuoso.

SENSAÇÃO

JEAN-ARTHUR RIMBAUD

NAS noites de verão, caminharei através dos imensos trigais, onde a relva se manha: sonhador, sentirei o orvalho nos meus pés e deixarei que o vento a minha frente banhe!

E não falarei mais, e nem mais pensarei, o infinito amor descera sobre meu ser; e longe, pelo campo, como um boêmio irei — feliz como se fôra com uma mulher.

Tradução de EDUARDO MARTINS



Uma das ilustrações de YLLEN KERR do Livro de EDSON REGIS: O DESERTO E OS NÚMEROS

A Literatura e o Sertão

RIBAMAR RAMOS

SEGUNDO os últimos algarismos censitários, a cidade de Patos tem 13.000 habitantes. Se fosse possível perguntarmos a todos os adultos dessa população quem é José Lins do Régio, talvez não ultrapassasse de 500 o número de pessoas que saberiam responder. Considere-se, agora, que esse meio milhar se deveria ao fato de ser paraibano o grande romancista. Só o motivo de ocupar um lugar entre os maiores vultos das letras nacionais não bastaria para tanto. Considere-se, também, que entre o reduzido número de viventes que o identificam, poucos, pouquíssimos lhe conhecem a obra. Imagine-se, por isto, o que ocorre com escritores igualmente notáveis, mas cujos nomes não se protegem, aqui, das auras do "bairrismo"!

Sempre que me surge oportunidade, tenho feito sondagens e observações que me fornecem elementos, quando não para um balanço, mas, pelo menos, para uma estimativa. Assim, tenho constatado que autores de nomeada, como, por exemplo, os srs. José Geraldo Vieira e Otávio de Faria, são quasi totalmente ignorados. Alguns, como os srs. Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado, são parca-mente conhecidos. Isto no domínio da ficção. Em se tratando de ensaio e cultura, é mais desoladora a perspectiva. Sabe-se da existência do sociólogo Gilberto Freyre menos pelo conhecimento de seus grandes livros do que pelos sucessos políticos de que tem sido protagonista em Pernambuco. Figuras exponenciais como os srs. Cato Prado Junior, Artur Ramos e Josué de Castro não se conhecem. Não existem para as criaturas deste mundo longínquo do sertão da Paraíba. Falo, é

óbvio, em termos de generalidade. Há, de certo, as exceções, tão escassas e tão insulcadas, que não chegam a pesar no cômputo geral. E quanto à poesia? É imenso o vazio. Não tange para os ouvidos destas bandas a lira de Manoel Bandeira, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e J. G. de Araújo Jorge. E nem a lira de qualquer vate. Citando o nome do grandioso Rossine Camargo Guarnieri, espantei, sem o querer, gente metida a conhecedora dos modernos poetas brasileiros.

Brigam os intelectuais pelos postos de direção da A.B.D.E.? O leitor põe os olhos displicentes sobre os títulos do jornal, e passa adiante, onde talvez haja uma verrina ou uma piada sobre as turras entre os srs. José Américo e Argemiro de Figueiredo. Discutem-se as candidaturas ao prêmio Nobel? Ora, pilulas! O que interessa é descobrir onde está o novo capítulo das memórias de Barreto Pinto. Um soneto de Lido Ivo? Vá-se às

favas com a poesia, e diga-se em que ficou o caso das moças que quiseram banhar-se, núzinhos, no jardim público do Rio de Janeiro.

Esse descaso pelas atividades literárias e culturais, observado numa cidade como Patos, comercial, econômica e demograficamente progressista, retrata uma situação dominante em quasi todos as cidades sertanejas do Brasil. O quadro apresenta-se com aspectos ainda mais sombrios nos Estados de maior atraso, como o Piauí e o Maranhão. E por que? Eis o busilis. Parece-me que resulta de falhas capitais do ensino. É que a instrução popular, sobre ser parca na extensão, é muito deficitária na substância. Formalística e superficial, não dá à infância e à juventude normas de conduta mental, não desperta as vocações, não estimula as tendências espirituais. Cuida só de ministrar ensinamentos primários de acomodação aos interesses utilitários. Tem o bjetivo exclusivamente prá-

tico, desprezando a sua finalidade quanto ao conhecimento em si. Mas, isto é seara alheia. E vejo que já estou a meter o bedelho naquilo que não entendo. Posto que, voltando à vaca fria...

O sertão não é refratário à literatura e às demais atividades do espírito. É apático, eventualmente. Para sair desta apatia, basta que se lhe dê a mentalidade adequada. Não se pode dizer que o seu povo se deixa absorver totalmente pelo cotidiano utilitarista. Fosse assim, não lhe entrariam nos temas de conversação os assuntos alheios à sua vida e ao seu meio, como os campeonatos de futebol, as tricas do Parlamento, os crimes e as frivolidades mundanas, que até aqui chegam pelo rádio e pela imprensa.

Defrontamo-nos, assim, com um problema de economia intelectual, cuja solução envolve, necessariamente, um problema político-administrativo.

PATOS — JUNHO de 1949



Desenho de JOSE' MUNIZ

Crítica Musical na América

JOSEPH KERMAN

UM CRÍTICO musical neste país tem de lutar com uma táctica tradição de apatia em torno de qualquer consideração intelectual sobre a arte. Nossos músicos têm encarado fortemente esta atitude, os educadores encorajam-na, e os estetas têm mesmo ocasionalmente erigido isto em princípio filosófico. De qualquer modo não temos nenhuma base de crítica para a qual o crítico possa escrever com confiança, porque desde a queda da "Modern Music", em 1946, o mercado foi cedido às revistas que são notoriamente especuladoras e a certo número de exploradores de ingênuos e desesperanças.

Os críticos literários podem dizer, com segurança, a quantidade de poesia e ficção, que seus leitores têm absorvido, que revistas lêem, que espécie de crítica eles admitem. Pelo menos, um vocabulário ficou estabelecido; grandes edições são tiradas, e pode-se medir cada um pela escala escorregadia de Mr. Hgman em "The Armed Vision".

Em parte alguma pode-se admitir tal coisa para a crítica musical. O assunto está ainda em estado fragmentário, e os críticos com quem se possa ter uma discussão séria são, sem dúvida, muito poucos.

De um ponto de vista especialmente crítico, "Modern Music" era a única revista americana, grande ou pequena, dedicada à música. Sua única razão de ser era a luta pela aceitação da música contemporânea, uma luta que sustentou por 20 anos com uma tenacidade que a conduziu à vitória. Nestas circunstâncias, sua morte foi considerada uma tragédia, porque com ela desapareceu o único núcleo crítico musical e um número de valiosos escritores.

Mas o fato é, e Virgil Thomson disse gentilmente,

que em 1946 "Modern Music" era um anacronismo, pois seu ideal já estava vitorioso e sua crítica tinha sido sempre fragmentada — algumas vezes mesmo, muito superficial — para pararem em tempo de paz. Por política ela recebia colaborações de todo aquele que tivesse um nome qualquer na música moderna, ou que desejasse ajudá-la, e consequentemente, publicava qualquer crítica responsável ou coerente. Por política também, "Modern Music", de propósito, ignorava tudo em música antes de Schoenberg, estabelecendo uma espécie de obsessão pelo moderno, que ainda é presente nos trabalhos de Mr. Thomson.

Agora, as únicas revistas de crítica musical são "Music Review" e "Music and Letters", da Inglaterra. Nosso "Musical Quarterly" é dedicado à formação de grupos musicais, pela ampla definição de Mr. Lang, com a falta de espírito que lembra a própria "Modern Music".

A crítica diária dos concertos está, sem dúvida, bem estabelecida e se bem que sua limitação seja óbvia, tem sido tradicionalmente um trampolim para os mais sérios e considerados críticos. Mr. Virgil Thomson do "The New York Herald Tribune" combina uma específica sensibilidade musical com sofisticação, inteligência e simpatia, pelo mundo contemporâneo, e muitas vezes as mais rotineiras notícias conferem maior discernimento do que muitos críticos acumulam em um ano de buscas incansáveis. Ele é o único jornalista que parece interessado na ausência de intelectualidade da música de hoje, e tem tentado toda sorte de perspectiva no mundo musical. Em assuntos alheios à música Mr. Thomson é menos discriminativo, e em música também, ele incorre num erro que nos seus dias da "Mu-

sic Modern" era frequente, e torna-lhe difícil desenvolver profundamente uma idéia, em vez de tocar, aqui e ali, ligeiramente no assunto. Mas cada artigo, deixa o leitor pensando, porque a sua imaginação crítica é tão original e viva quanto comercial.

Mais perigoso, porém, é o ponto de vista peculiar a Mr. Thomson, que me parece ser francamente mais de um hedonista, do que de um esteta: ele está mais interessado em um bom espetáculo, do que em boa música, e o hokum propriamente realizado, tem um alarmante peso na sua escala de valores. E' por sua própria culpa que muitos leitores esquecem-no completa e injustamente, devido à impaciência do público para com esta espécie de irresponsabilidade, e a resultante loquacidade que ele de modo algum tenta refrear. Seria certamente apreciável se fosse estabelecido um sistema normal de pesos e medidas, com bons críticos escrevendo simultaneamente, de modo menos pessoal, menos elegante, e menos influenciado pela música francesa.

Enfim, não é surpreendente encontrem-se, em Nova Iorque, grupos de críticos, nem melhores, nem piores do que os jornalistas em geral, ou digamos assim — do que os críticos de filmes de Nova Iorque em particular. Mr. Thomson publicou duas coletâneas de reportagens e breves ensaios críticos de caráter efêmero. Não duvido que haja um certo número de críticos sérios de jornais, no país, se bem que duvide que sejam muitos, mas até que eles consigam a fama nacional, terão de fazer forte pressão crítica contra as subscrições de rádio do jornal local.

A principal desculpa que muitas revistas oferecem com uma elegante escusa para os críticos musicais,

é de pouco valor, porque se eles têm qualquer coisa de importante para dizer, é quase sempre sobre fidelidade acústica, *battles*, *pick-ups*, e resposta de frequência.

Pode-se esperar que os leitores das revistas intelectuais, sejam potencialmente um auditório mais receptivo para uma crítica inteligente, mas atualmente eles têm muito pouco de tal coisa.

Talvez isto explique porque tantos deles estão impressionados Mr. B. H. Haggin de "The Nation", que pode dar-lhe mais do que simples prestígio. Há uma certa teimosia anti-intelectual em Mr. Haggin, e se bem que ele tenha mais para dizer do que coisas frescas e irreverentes acerca de "ballet", engenharia eletrônica, e especialmente sobre execução musical, não pode ser tomado como um verdadeiro crítico musical. Sempre em dia com um julgamento preciso sobre um compositor ou um trabalho particular, ele é singularmente relutante em discutir sobre música mais minuciosamente, a não ser com citações; e uma explicação clara e simples é mais útil aos leitores do que um catálogo de opiniões geralmente aceitas sobre música moderna.

Encontro nêle, também, uma atitude distraída que ignora e ao mesmo tempo padroniza a música da Idade Média, a Renascença, o barroco do século XVII, e a mais contemporânea música, embora Mr. Haggin tenha "recentemente admirado os trabalhos de Stravinsky". Dentro desses limites de tempo e objetivo, não há realmente muita coisa que me desagrade nessa crítica, e muito pouco se ganha lendo-a. Como uma cartilha primária, é muito correta, mais elementar. Podemos lamentar sinceramente as campanhas intermináveis e violentas do Mr.

Haggin contra a cultura musical do povo. E' preciso dizer-se, e mais de uma vez. E' ele é um dos poucos que o dizem, e seria mais apropriado para Mr. Thomson, ter-lhe dado um programa mais eficaz. Ele algumas vezes acha que pelo menos umas das semi-populares histórias lançadas pelo "German musicologists", sejam muito grosseiras, posto que ele as torne mais obscuras pela própria ignorância e pela sua destruidora prevenção. Mas depois dos primeiros odores de sangue, começa-se a desejar não só o fim das hostilidades, como o aparecimento de uma crítica construtiva, do próprio iconoclasta. Mr. Haggin, evidentemente não pensa ser de sua competência revelar qualquer percepção ou discernimento da música que ele julga.

As revistas literárias, dificilmente se ocupam de música, com exceção da "Partisan Review" recentemente lançada, é difícil saber se a crítica do "jazz" e Mr. Kurt List, são melhores do que o resto. Sua crítica é bastante tendenciosa. O trabalho de polemistas profissionais que distorcem a proposição incompreensão das realidades musicais, com a crítica em geral, e o jargão intelectual.

A própria incompetência no preconceito de Mr. List, parecem resultar menos da evidente dificuldade de expressão, do que de falta de pensamento que é quase uma caricatura da pior tradição germânica. Para a recente controvérsia do "Atonal Trail" ele contribuiu com uma análise totalmente absurda do "The State of American Music", que estuda cada problema e cada compositor individualmente em termos de atonalidade, e que trata de Stravinsky ocasionalmente para nada dizer de Hindemith, cujo nome foi riscado da "Partisan Review" como de propósito. O tradicional ataque a Stravinsky, foi deixado a M. René Leibowitz, que é mais desorientado. ("Sentir-se-ão

Schomberg e Stravinsky bem em Hollywood? Há motivos profundos para suas presenças ali?") Mr. Nicolas Nabokov, pelo reverso da moeda, mostra clara e perfeitamente como List e Leibowitz substituem afrontosamente musicologia disforme, por critérios estéticos; como eles ajustam tudo a uma preconcebida metafísica átona, e como todo o assunto, é justamente uma forma da velha polêmica dos vinte. Porém comumente a sua preferência por Stravinsky deriva em generalidades metafísicas, reticente nas qualidades estéticas da música atual e ilustram encantadoramente as falhas que ele concretamente aponta em seus adversários. Coube a Miss Dik Newlin autora daquela estonteante dissertação, "Bruckner, Mahler and Schomberg", lamentar-se em uma longa carta aos editores, de que Mr. Nabokov "negava a impressão de forte, saudável e prometedora atividade musical produzidas nestas páginas". Olhando adiante para a frustrada polêmica de Viena de pós-guerra, e antes, para "Kunstwerk der Zukunft" de Wagner, eu teria esperado que Mr. Haggin se pronunciasse sobre tudo isto.

Esta irresponsabilidade crítica é um índice da po-

breza, que por sua vez revela a mais perigosa falta de intelectualidade, que distingue em geral a música deste país.

Não há dúvida que outras das belas artes estão de tal forma comercializadas, mas nenhuma de modo a negligenciar tão completamente a crítica e a erudição. A aceitação geral dos padrões medianos e baixo, pelos músicos é fatal para a geração nova de executantes.

E' algumas vezes pior para os compositores, numa época em que as criações artísticas estão progressivamente identificadas com valores afastados da cultura popular. O baixo conceito de educação nos conservatórios e universidades que formam estes músicos, é outro índice de falta de intelectualidade, e a tentação de culpá-los por isto diretamente, é muito forte. A situação não melhorará até que se envergonhem de ensinar música como uma arte.

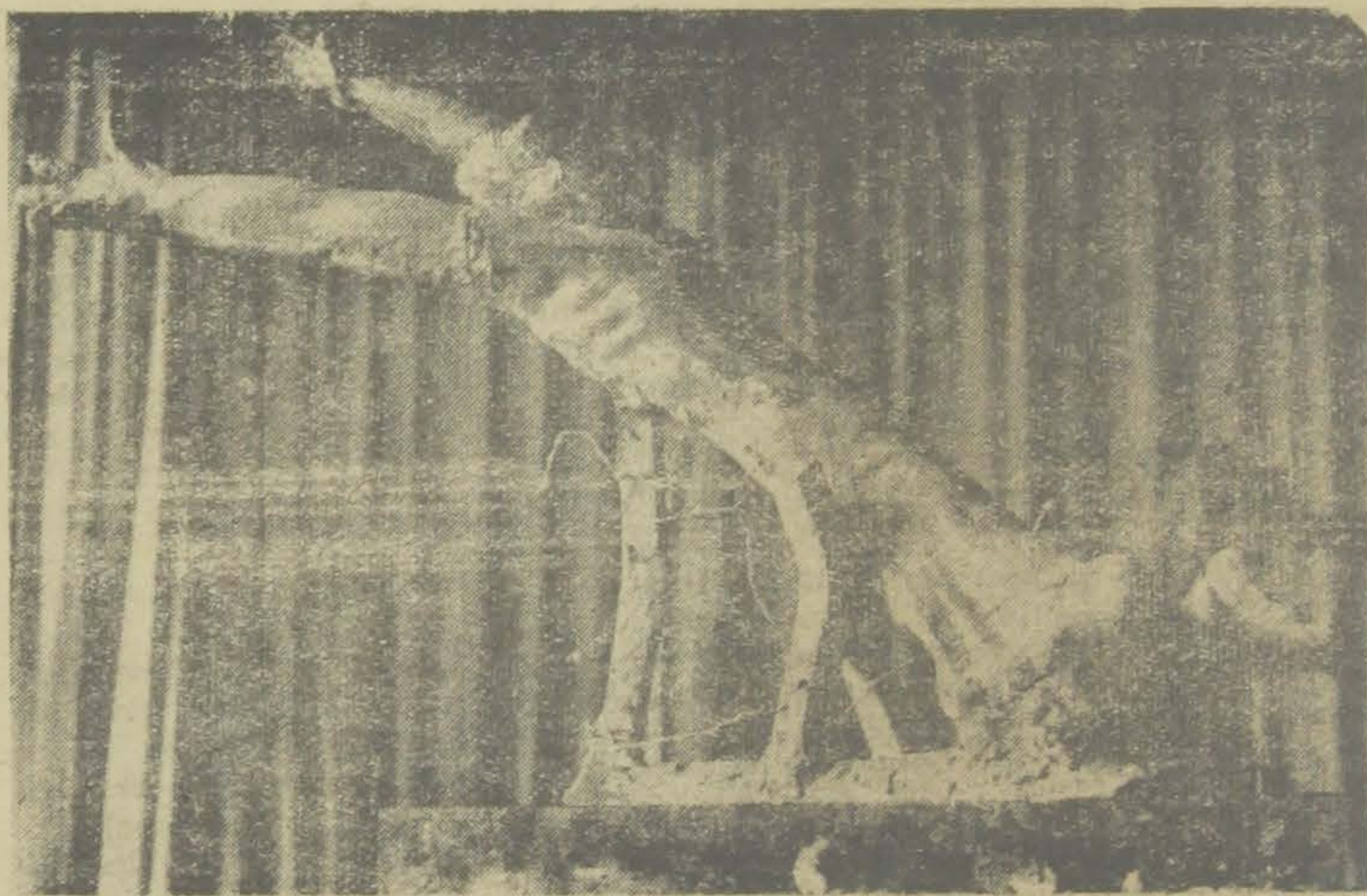
O que é preciso além das escolas e com seu auxílio, é de um grupo de críticos escrevendo a respeito deles e para eles, músicos e compositores, (que desejarem ouvi-los), e para um público que tenha interesse pela música, e esteja por existir.

preparado para segui-la. Músicos e público igualmente têm muito a ganhar com uma cuidadosa e articulada análise da música moderna em relação ao pensamento moderno, e um novo e igualmente cuidadoso exame de toda a tradição de um ponto de vista americano contemporâneo.

Nós podemos talvez pensar que o primeiro destes fins, é o principal, mas o segundo que logicamente o precede, tem uma vida própria e na grande corrida, mostrará qual a maior finalidade. A respeito desta tradição, nossa atitude pode parecer uma barulhenta independência de todas as coisas européas, ou uma subserviência que pode tolerar um Max Graft ou um Kurt List; em todo caso podemos, no momento, avaliar a espécie de público que os artistas e críticos europeus, cortejam. Demais nossas letras e artes têm-se formado em poucos anos e não causa surpresa que aqui não haja e nunca tenha havido leitores para uma tal crítica musical.

Nunca auditórios e crítica eficiente aparecem tão amplos como idealmente se desejam e esperam, porque um e outro estão por existir.

Extraído de THE HUDSON REVIEW
Tradução de WILMA DE CARVALHO



STALINGRADO — Bruno Giorgi (1943)

Dois Hispanoamericanos

(A EDUARDO MARTINS E GEORGE MATTOS)

DILERMANDO LUNA

O interesse pela cultura peninsular ibérica, levando-nos ao fim do XIX século, e ao começo do XX, traz-nos de volta à América. O nosso cosmopolitismo mental, obedecendo às leis do universalismo intelectual, coloca-nos face a face de artistas não europeus pelo nascimento, mas que fundindo elementos de várias culturas, vão influenciar com novas nuances e maticizes novos, a própria cultura primitiva ibérica. Estamos ante o Modernismo, termo que se para nós brasileiros caracteriza a descoberta e posse do regional para os hispanoamericanos e espanhóis significa o transmontanismo artístico. O fluxo da Espanha dissolve-se e se espalha entre outras correntes francesas especialmente e vai da confluência hispanoamericana dar cores mais suaves e ricas à língua e ao espírito castelhano.

José Assuncion Silva, Gutierrez Najera, Ruben Dario, Amado Nervo e Rodó, todos americanos, são os responsáveis pelo Modernismo. Entretanto as duas figuras preeminentes pelas próprias condições em que realizaram as suas vidas, foram Ruben Dario e Amado Nervo. O primeiro representa o tom maior, o wagneriano. Nervo incarnado o tom menor. O debussyano, dizemos nós. Nomear simplesmente os títulos de alguns livros deste poeta, basta-nos para uma noção, da sua poesia em tom menor: EN VOZ BAJA, SERENIDAD, LOS JARDINES INTERIORES, LA AMADA INMOVEL.

Quando chamamos Dario o wagneriano, não usamos o qualificativo apenas para efeitos de diferenciação, a expressão aqui tem uma verdade própria porque o poeta nicaraguense era na realidade um admirador de Wagner. Demonstra conhecê-lo e exalta-lo como podemos aferir deste trecho de um seu trabalho sobre Max Nordau: "Los wagnerianos van en monton, con el olimpico maestro a la cabeza. No oye el medico de piedra el eco soberbio de la floresta de armonias. Mientras Max Nordau describe su diagnóstico, van en fuga visionaria Sigfrido y Brünhilda, Venus desnuda, guerreros y sirenas, Wotan formidable, el marino del barco-fantasma; y llevado por el blanco cisne, alada gondola de viva nieve rubi, como un Dios de la Walhalla, el bello caballero Lohengrin". Ainda numa bela página de prosa sobre Ibsen, compara a grandeza deste à grandeza de Wagner a quem chama de deus.

Estes versos, traduzidos por um dos nomes (1) dos dois, a quem dedico esta cronica mostram ao mesmo tempo o amor de Dario por Wagner:

Foi numa hora divina para o genero humano,
O cisne antes cantava tão só para morrer,
Quando se ouviu o acento do cisne wagneriano
Foi em meio de uma aurora, foi para reviver.

Nas tempestuosidades, ainda, do humano oceano,
Se ouve o canto do cisne, não se cessa de ouvir,
Dominando o martelo do velho Thor germano
Ou as trompas que tocam as tropas de Argantir

ou então, no eco de uma advertência à França:

Trahauser! Resuena la marcha marcial y argentina,
y vese a los ojos la gloria de un casco imperial.

Ambos, Dario e Nervo, cosmopolitas, requerem para a compreensão das suas intimidades, biografias americanas cosmopolitas. Arturo Torres Rioseco e Bernardo Ortiz de Montellano satisfizeram essas condições. Rioseco, chileno, professor universitário nos Estados Unidos mas fundamentalmente ibero-francês, latino, nos dar em seu livro VIDA Y POESIA DE RUBEN DARIO, ed. Emecé, Buenos Aires, a vida exterior e apresenta os poemas, talvez os mais significativos do autor de CANTOS DE VIDA Y ESPERANZA. Montellano, poeta mexicano da geração de Xavier Villaurrutia e Jaime Torres Bodet, tradutor de Rilke e de T. S. Eliot e para quem, os so-

nhos constitue o mundo poético por excelência o Hipnos a divindade primacial, brinda-nos com uma biografia espiritual, um retrato em profundidade de Amado Nervo: FIGURA AMOR Y MUERTE DE AMADO NERVO, ed. Xochitl, México. Obra como se pode facilmente deduzir, superior a d' Rioseco.

O professor expõe, o poeta mergulha no ser estudado. Para Heidegger a revelação íntima do ser se processa através da poesia.

O Chile é dentre todas as nações latinoamericanas, a mais civilizada e o Mexico, a de mais forte expressão cultural. Não há pois, estranharmos a visão panorâmica de Rioseco, e a penetração mística de Montellano.

Os nossos olhos, fixando as fotografias de Dario e de Nervo, têm de imediato, o contraste flagrante das duas fisionomias. Dario tem os olhos pequenos e embuçados, nariz chato cujas narinas são muito abertas, a boca rasgada, a testa com uma depressão longitudinal, faces gordas e malares que se salientam sob as bochechas. Cabelos lisos e escuros o maxilar inferior pouco desenvolvido como a demonstrar uma fraca vontade — Dario era um abulico, um dipsomaniaco — em suma, o retrato do mestiço enfatiado.

Nervo ao contrário tem grandes olhos, nariz grande e torto de estreitas aberturas, lábios finos, longa testa exagerada pela calvície, rosto afilado e saliente queixo. O retrato de um asceta espanhol.

José Juan Tablada citado por Montellano, fala de Nervo como de um melancólico personagem de El Greco e a comparação não lhe fica mal, ele que havia escrito:

Oh Kempis, Kempis, asceta yermo,
pálido asceta, que mal me hiciste!
Ha muchos años que estoy enfermo,
y es por el libro que tu escribiste!

Porém o contraste entre Dario e Nervo não reside somente nos seus traços fisionômicos. Contrastam-se nas suas naturezas psíquicas. Dario era o amante da vida, o homem que tinha horror físico e metafísico da morte. O homem que mentiu quando escreveu: "Vamos al reino, de la Muerte por el camino del Amor" quando de fato ia pelo caminho do terror já que para Dario a morte era pagã, isto é, a morte não como transit, mas como fim em si mesma. Nervo, o eterno enamorado da vida de além-tumulo, para quem a vida era mais morte do que a morte mesma, lembrando-nos a concretização do pensamento de Sta. Tereza de Avila: "Muero porque n muero". Dario é católico, o homem da liturgia, da teologia e dos elementos pagãos do catolicismo. Nervo o cristão, o homem místico das relações diretas com o Criador. Dario, o homem do mundo para quem os triunfos exteriores devem representar o destino de cada homem. Dario, nas suas crises religiosas teve o senso da vida pura, porém a sua tara o conduzia para as formas da vida impura. No poema, EL REINO INTERIOR, Dario apresenta este dualismo:

Oh! qué hay en ti, alma mia?
Oh! qué hay en ti, mi pobre alma misteriosa?
Acaso piensas en la blanca teoría?
Acaso
los brillantes mancebos te atraen, mariposa?

Y en sueños dice: "Oh dulces deliciosos de los cielos!
Oh tierra somnolenta que acaricio mis ojos!
Princesas, envolvedme con vuestros blancos velos!
Príncipes, estrechadme con vuestros brazos rojos!

Em LA CARTUJA quer que Deus troque o fauno que nele existe por um anjo.

Dario era um ser privado da Graça conforme o conceito agustianiano, jansenista e calvinista:

Mi pobre conciencia
busca la alta ciencia
de la penitencia

mas falta la gracia
que guía y espacia
con santa eficacia

Para Dario o vicio era um fator operante de uma predes-
tinação, com o plano da obra de Maclair L'ART EN SILENCE
faz esta digressão a respeito de Poe: "En este caso, como en
otros, como en el de Musset, como en el de Verlaine por ejem-
plo, el vicio es malignamente ocasional, es el complemento de
la fatal desventura".

Viver existencialmente requer fatores raciais e biológicos
inerentes ao pensamento porque enfim, o ideal repousa sobre
a infra-estrutura do real. Ruben Dario era nicaraguense, fi-
lho do sol e do calor e nasceu para a poesia quando as bru-
mas nórdicas do simbolismo, invadia-lhe com as suas nuances.
Ruben Dario era um hispanoamericano, portanto um homem
em contacto com a ferocidade quase telúrica e o sensualismo
dos caudilhos. Era uma vítima das nossas misérrimas contin-
gências políticas. Porém Dario, educado pelos clássicos espa-
nhois, pelos românticos, parnasianos e simbolistas franceses
não podia viver espiritualmente na America e agonizava. Ago-
nizava porque se o Buenos Aires do seu tempo podia ser su-
blimado em Versalhes como quer Pedro Henriquez Urena é
que Buenos Aires era a Europa e não a América. Dario canta
na sua poesia marçucas princesas e cisnes:

La marquesa Eulalia risas y desvíos...

La princesa está triste... Que tendrá la princesa?
Qué signo haces, oh Cisne, con tu encorvado cuello
al passo de los tristes y errantes sonadores?

No entanto o seu universo de homem somente lhe propor-
cionava mulheres vulgares ou sensuais e Dario mais uma vez
agonizava. O poeta que invocava a harmonia apolínea era um
alcoolatra encontrado às vezes como um animal irracional e
Dario vivia em agonia. O homem que sentia necessidade de
contacto aristocrático louvava e dedicava a sua arte a misé-
rrimas milionários como no caso de AZUL. Lutava portanto
consigo mesmo, agonizava. Viver existencialmente exige uma
vontade e uma coragem absolutas. Dario era um abulico e um
timido, em consequencia um ser fadado á agonia que é uma
outra face do ser existencial, o reconhecimento da queda e do
"hiatus irracionalis".

Conta-nos Ortiz de Montellano que houve no mundo in-
fantil de Amado Nervo três fortes impressões que jamais se
apagaram da sua memoria. As imagens de uma tartaruga, de
um camalcão e de uma tia solteira e bela deitada no seu ca-
tafalco mortuario e acrescenta: "Las impresiones de la infan-
cia que recuerda el hombre son aquellas que fijan la vida del
espíritu, cuando entre juegos e imágenes pasajeros se descubre
a si mesma el alma personal". Aquelas três imagens serão os
símbolos da vida de Nervo a atracção pelo mistério e pela
morte:

Para entrar en el misterio,
la sola puerta es morir.

a creença pelo desconhecido porque, como pensa Mon-
tellano se acreditamos na verdade de que certos astros que
aparecem no firmamento deixaram de existir ha varios anos
luz, como não acreditarmos na existencia do que não vemos?

A unidade entre a vida e o espirito de Nervo era de tal
natureza que o casual nele se apresenta como o agente de
uma determinação anterior e transcendente. O seu encontro
a sua vida com Ana Cecilia Luisa Dailliez e a morte desta no
seus braços não tiveram outro sentido que identificar a vida
com a poesia. A vida em segredo como o segredo da sua poe-
sia e a morte da amada como concretização material de uma
desejada abstracção.

Há contudo, nas vidas exteriores de Dario e Nervo cer-
tas identidades. Um nasceu em 1867, o outro em 1870 e vive-
ram por coincidência a mesma idade: quarenta e nove anos.
Ambos moraram em Paris aljás juntos e ambos perlocutaram a
diplomacia percorrendo as mesmas rotas e as mesmas capita-
is. Dario porém, é como já dissemos, o ser dividido, agonico e
Nervo unificado, o ser que se prepara para a morte e para
quem a morte é a devolução de si mesmo integralmente: "Pa-
ra saber quien eres, necesitas morir". A agonia de Dario é a
agonia do homem na vida. Em Nervo não existe a agonia, exis-
te o caminhar para a posse da existencia total ou seja, a mor-
te. Nervo é o "ser para a morte" de Holddegger. Nervo reco-
nhecia que na morte tudo se contém e tudo encerra:

Oh muerte, tú eres madre de la filosofía
Tú ennobleces la vida con un quien sabe y sabe
Sabor a nuestras horas con tu melancolia
En todo lo que es grande — dolor, amor — tú estás.

O simbolismo, tendencia artistica e espiritual dos fins do
seculo XIX afirmou-se e caracterizou-se antes por uma at-
mosfera interior que por uma revolução formal. O que lhe
imprimiu cores especiais foi uma disposição pelo misté-
rio, e pela musica interior do misterio. A musicalida-
de do verso ou das palavras como queriam alguns dos
seus teoricos, independente de qualquer conteúdo inte-
lectual ou sensível, a poesia de meros efeitos sonoros não
poderia subsistir. Sabemos que não vingou o instrumentalis-
mo de René Ghil. O que ficou e permanecerá do simbolismo
foi a melodia que o vago, o nebuloso e o misterioso parecem
center. Sentimos uma musica na noite silenciosa ou uma mú-
sica solene no mundo da morte. Não é sem razão que Maeter-
tar a projecção do espirito. Nervo, o homem recolhido em si
mesmo, o homem abismado na sua vida obscura, pleto-rica de
visões espectrais. Daí, o tom ideológico da poesia de Dario e
os caracteres confidenciais da poesia de Nervo. Daí o apelo de
um pelas energias raciais.

Unanse, brillen, secundense, tantos vigores dispersos
formen todo um solo haz de energia ecumenica.
Sangre de Hispania fecunda, sólidas, inclitas razas
muestren los dones pretéritos que fueron antano su triunfo.

e o canto á noite do cutro:

Madre misteriosa de todos los genesis, madre
portentosa, muda y fiel de las almas excelsas:
nido inmensurable de todos los soles y mundos;
pielago en que tiemblan los fiats de todas las causas.

Oh camino enorme que llevas derecho al enigma!
remo de los tristes, regazo de nuestra esperanza!

Daí o acento wagneriano da marcha triunfal do primei-

Ya viene el cortejo!
Ya viene el cortejo! Ya se oyen los claros clarines
La espada se anuncia con vivo reflejo:
ya viene, oro y hierro, el cortejo de los paladines.

e a invocação á morte do segundo:

La muerte, nuestra Senora,
está llena de respuestas:
de respuestas para todos
los porqués de nuestra existencia.

Mesmo nas suas atitudes em face da mulher há uma pro-
funda antinomia. Embora Dario sentisse as criações fami-
lias de Edgar Allan Poe e tivesse entre visões de Ligeias, Leo-
noras, Berenices, Eulalias, Francos, recordado a alma da sua
mulher morta, a mulher para ele era somente a carne: "Car-
ne, celeste carne de la mujer! Arcilla" é o título e o sentido
de um dos seus poemas na sua fase mais vital:

Pues en ti existe Primavera para el triste,
labor gozosa para el fuerte.

néctar, anfora, dulzura amable.
Porque en ti existe
el placer de viver hasta la muerte
ante la eternidad de lo probable!...

Na sua fase outonal, quando maiores eram as suas inquietações ante o problema da vida e o problema da morte, ainda

Gozad de la carne, ese bien
que hoy nos hedhiza,
y después se tornará en
polvo y ceniza.

A mulher para Amado Nervo sempre foi, um ser ideal. A forma de um princípio espiritual superior. Cabe aqui a observação de Montellano: "La devoción del hombre por la mujer es una idea cristiana. El paganismo no llegó a divinizarla como mujer, la hizo diosa y los jóvenes amados por las diosas fueron siempre sus víctimas, pagaron con su muerte el caprichoso privilegio". Dario amou a mulher paganicamente. Nervo, de maneira espiritual. Para Nervo a mulher era como a outra metade da sua alma.

Ha de Sobrame la mitad del lecho.
y ha de faltarme la mitad del alma.

Dario era o poeta do dia e da vida ideal, Nervo, o poeta das sombras e da noite. Do contraste entre o ideal e o real em Dario nasce a sua agonia e das semelhanças entre a poesia e a vida, em Nervo nasce a sua unidade pois a poesia em Nervo se faz vida e vice-versa.

O conceito de agonia, contem dentro de si uma dialética. A agonia surge de princípios opostos que lutam num mesmo organismo pela supremacia. A agonia como a encarou Miguel de Unamuno é ao mesmo tempo, existencial e anti-existencial. Anti-existencial porquanto vive da separação e luta entre o ser e a essência. Existencial no sentimento do abismo presente à vida humana entre a liberdade e o condicional. Martin Heidegger fala da angustia como de um "hiatus irrationalis". Não se pôde a uma só vez servir a Cristo e a César — pensa Unamuno — entretanto o homem cristão é um civil, um homem da sociedade e o cristianismo agonizará e não agonizará se o homem pondo a parte as suas circunstâncias e a sua temporalidade intentar viver individualmente o martírio do Cristo como o queria Søren Kierkegaard.

A agonia que Unamuno sentiu religiosamente, da qual é fruto o seu livro A AGONIA DO CRISTIANISMO, Ruben Dario a experimentou esteticamente, isto é, a luta entre a sua existência individual condicionada pelas circunstâncias sociais e materiais e as suas ideais concepções de beleza.

O cristão social e cristão hipócrita, julga poder er herói, mem da sociedade e da ordem jurídica sem traição ao Nisto. O artista burguês pensa poder viver concomitantemente em campos opostos. Viver no lado da arte independente do plano da vida. Ambos são fariseus. Dante amando platonicamente Beatriz e deixando descendência biológica de outra mulher era um fariseu, um anti-existencial e Dante sentindo esse desequilíbrio vivia em agonia. Shakespeare vivendo intelectualmente a Tragédia e depois retirando-se à Stratford-on-Avon para morrer pacatamente foi um fariseu maior que Dante, um fariseu sem agonia.

O tipo humano anti-existencial por excelência é o artista dramático, o homem da dupla personalidade. O poeta existencial característico da nossa época é Rainer Maria Rilke vivendo a sua poesia, morrendo pela sua poesia e na sua poesia Rilke não viveu em agonia. Rilke não era um perdido no mundo da existência banal de que nos fala Heidegger. Rilke era o "ser no mundo" para traduzirmos o pensador de Friburgo. Em agonia viveu Ruben Dario.

Ramiro de Maeztu lembrado por Riosco no livro a que já nos referimos faz esta observação a respeito de Dario: "Si como sentí el dualismo de la forma pura frente a la forma impura, hubiera sentido, con la misma perspicuidad, el de la vida pura frente a la vida impura, Ruben no sería meramente uno de los mayores poetas de nuestra habla, sino otro Milton (a mi juicio el poeta mas grande que ha habido en el mundo)

y hasta el fin de los tiempos encontrarían los hombres en sus versos la fuente de la vida". Nós todavia, pensamos que o caso de Dario não foi um caso de sentimento ou de vontade, mas antes, do destino. É preciso, torna-se imperiosa a nossa crença em Linck e Rodenbach sejam talvez os melhores representantes desse estado espiritual. Oriundos de regiões vagas e misteriosas teriam que exprimir a musicalidade destas regiões.

Hermani Cidade na sua obra, O CONCEITO DE POESIA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA, ed. Liv. Academia, S Paulo, acha que o simbolismo não se pode coadunar à alma latina, dada a imprecisão daquele e o preciso e claro desta. Com efeito, os simbolistas franceses conservaram-se parnasianos assim como os simbolistas brasileiros. Quando o simbolismo gaulês mais se torna hermetico deve ser por responsabilidade de outros climas como no caso de Mallarmé, influenciado pela atmosfera inglesa.

O cisne na sua brancura e no seu silêncio é por certo uma ave cara aos simbolistas. Ruben Dario dela usou mas como símbolo de uma realidade latina e meridional enquanto Mallarmé o sentiu como a expressão do septentrional e do artista isolado. Eis a voz de Dario:

Yo te saludo ahora como en versos latinos
te saludara antaño Publio Ovidio Nasón.
Los mismos ruiseñores cantan los mismos trinos,
y en diferentes lenguas es la misma canción.

A vosotros mi lengua no debe ser extraña.
A Garcilaso visteis, acaso, alguna vez...
Soy un hijo de America, soy un nieto de España...
Quevedo pudo hablaros en verso en Aranjuez...

Eis o celebre soneto mallarmeano:

Le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui
Va-t-il nous déchirer avec un coup d'aile ivre
Ce lac dur oublié que hante sous le givre
Le transparent glacier de vols qui n'ont pas fu!

Un cygne d'autrefois se souvient que c'est lui
Magnifique, mais qui sans espoir se délivre
Pour n'avoir pas chanté la région où vivre
Quand du stérile hiver a resplendi l'ennui

Tout son col seccuera cette blanche agonie
Mais non l'horreur du sol où le plumage est pris.
Par l'espace infligée à l'oiseau qui le nie

Fantôme qu'a ce lieu son pur éclat assigne.
Il s'immobilise au songe froid de mépris
Que vêt parmi l'exil inutile le Cygne.

Se José Assuncion Silva foi um simbolista é porque nele foram mais diretas as influencias de Heine e de Poe — consequentemente Baudelaire — e dos preraphaelitas ingleses que dos latinos. Ruben Dario educado pela Espanha e pela França deve o seu simbolismo pela aproximação do espirito de Poe — afinidade talvez ditada, pelas consequências psíquicas do alcoolismo, já que Poe era também um dipsomaniaco — e dos decadentes europeus como Verlaine — outro alcoolatra — Eugenio de Castro, D'Annunzio, etc. É certo que havia na sensibilidade do autor de AZUL janelas abertas para o mistério como prova Riosco pelo interesse de Dario à teosofia, no entanto, o seu meio e a sua formação não o dispunha para o simbolismo. Dario amava principalmente na França o genio e a clareza helenicos:

Amo más que la Grecia de los griegos
la Grecia de la Francia, porque en Francia,
al eco de las Risas y los Juegos,
su más dulce licor Venus escancia.

Amou tanto Leconte de Lisle, o pontifice parnasiano quanto o poeta das FÊTES GALANTES.

Já Nervo afora os mesmos contactos a que nos referimos em relação a Dario, tinha uma maior afinidade substancial, orgânica com o simbolismo. Vimos que os signos da sua existência se pode procurar numa tartaruga, num camaleão e na figura de uma morta. Além disso, sabemos por Ortiz de Mon-

castellano, que Neruo era um aficcionado do valor cabalistico dos numeros e dos astros observando por outro lado: "No es indigena este contradictorio culto a la muerte, que aparece en un poema escrito enlonces en LOS JARDINES INTERIORES?" — Yo he sentido en las saraos la amargura de la muerte, y he sentido ante la muerte la alegría de los bailes. Portanto o seu simbolismo tinha além de uma configuração mental um coeficiente etnico. Neste poema, EVOCACION temos uma visão do simbolismo do poeta mexicano:

Yo la llamé del hondo misterio del pasado,
donde es sombra entre sombras, vestigio entre vestigios,
fantasma entre fantasmas...

Y vino a mi llamado,
desparramando razas y atropellando siglos.

Atónitas, las leyes del tiempo la ceñían,
el alma de las tumbas, con fúnebre alarido,
gritabale: detente! — Las épocas asian,
con garfios invisibles, su brial descolorido.

Mas, todo inutil! Suelta la roja cabellera,
la roja cabellera que oja a eternidad,
aquella reina extraña, vestida de quimera,
corrija desalada tras de mi voluntad.

Cuando llegó a mi lado, le dije de esta suerte.
Recuerdas tu promesa del año Mil?

Adverte
que soy tan sólo sombra...
— Lo sé
— Qué estaba loca
— Me prometiste un beso!
— Lo congeló la muerte!
— Las reinas no perjuran!...
Y me besó en la boca.

Alguém pode contestar que este poema é tão simples, mente romantico ignorando que o simbolismo é tão somente um neoromantismo como no caso de Debussy ou que, em poesia romântica havia uma atmosfera caracteristicamente simbolista como na rima XI de Gustavo A. Bécquer:

Yo soy un sueño, un imposible,
Vano fantasma de niebla y luz;
Soy incorporea, soy intangible;
No puedo amarte. — Oh, ven; ven tú!

Paul Valéry define a poesia pura como "une volonté remarquable d'isoler la poésie de toute autre essence qu'elle-même", por outro lado o abade Brémont a conceitua como um apelo da vida interior. A poesia pura é a poesia despojada de todo o ideologico e anedotico. É qualquer coisa de tão desnudo que nada lhe restará de imagens e alegorias. É a poesia ontologica, a poesia como poesia. A poesia sem nada de literatura. Bécquer a sentiu e foi um precursor quando escreveu: "Hay — com relação a poesia — otra natural, breve, seca, que brota del alma como una chispa eléctrica, que hierre el sentimiento con una palabra y huye, y desnuda de artificio, desembarazada dentro de una forma libre, despierta las mil ideas que duermen en el oceano sin fondo de la fantasia", "pued llamarse la poesia de los poetas".

Amado Neruo nos ultimos dias da sua vida escreveu:

Yo no sé nada de literatura,
ni de vocales átonas o tónicas,
ni de ritmos, medidas o censura,
ni de escuelas (comadres antagonicas)
ni de malabarismos de estructura,
de sístoles o diástoles eufónicas.

Ruben Dario ao contrario, foi como já dissemos, o poeta de uma ideologia, "el poeta de la raza" como o chama Pedro Henriquez Ureña e a proposito podemos assinalar o amor e a consciencia cultural do hispanoamericano em relação á Espanha e a indiferença e a ignorancia do homem lusobrasileiro em face de Portugal. Podemos falar de um sentimento de "hispanidad" mas não de um sentimento de lusitanidade.

Rioseco dedica no seu livro varias páginas para apresentar Dario como poeta espanhol e hispanoamericano, procurando refutar os que o viam como poeta gaulês. Certamente — nunca é demais lembrar — as mais fortes influencias que operaram em Dario foram franceses — LOS RAROS, está cheio de franceses — desde que durante o século XIX dominava a America do Sul — Dario embora centroamericano era um sulamericano, chileno e argentino — o espirito de Lutecia, porém o que situa o poeta numa patria ou então numa civilização são as suas disposições ideologicas e raciais. A obra de Cervantes, Lope de Vega e Calderon, saturadas de italianismo como notou Karl Vossler, nem por isso são menos espanholas.

Poemas como A ROOSEVELT, o SALUTACION DEL OPTIMISTA, o AL REY OSCAR e mesmo LOS CISNES, conferem-lhe um lugar de poeta iberico, poeta de uma ideologia. Em LOS CISNES, ouvimos:

Seremos entregados a los barbaros fieros?
Tantos millones de hombres hablaremos inglés?
Ya no hay nobles hidalgos ni bravos caballeros?
Callaremos ahora para llorar después?

Se Dario mostrou-se no seu ocaso pessimista quanto ao seu universo, como no A COLON de EL CANTO ERRANTE e mais atraído pela America anglo-saxonica, não devemos esquecer que nos seus ensaios, antes apologias, sobre Poe e Eugenio de Castro há uma condenação do mundo yankee e uma exaltação do mundo latino. Poe para Dario era o espirito de Miranda prisioneiro na patria de Caliban. A proposito do poeta português Dario falou orgulhosamente de uma ressurreição da alma mediterranea.

O poeta ideologico é sempre um homem de ação, o apelo ás tradições e a cultura de um povo condiciona um dinamismo, uma ressurreição para o futuro. No poeta contemplativo as tradições e a cultura chamam-no para o passado. Neruo também, era um poeta espanhol e anti-americano do norte porém esse espanholismo e anti-americanismo era uma consequencia do seu proprio espirito religioso e misterioso; numas das suas páginas em prosa escreveu: "Vete, viejo vanidoso, pavo de Manhattan! — refere-se a Whitman — Prefiero el misterio enorme y sutil que se estremece en las páginas de Poe." e no mesmo livro fez esta observação: "Hay que peregrinar por las viejas ciudades castellanas con recogimiento y con amor, a fin de oír en medio del silencio de los siglos la misteriosa cancion de nuestra Raza, que ennoblece y reconforta los espíritus".

Antes daquela poesia seca, natural, saída da alma, Bécquer fala de uma poesia sonora e majestosa que pode servir de classificação para a poesia rubeniana. Angel Valbuena Prat na sua magnifica HISTORIA DE LA LITERATURA ESPAÑOLA reconhece que Dario assim como Gongora e Fray Luiz de Leon encheu toda uma época e fala de uma volta a Dario como de um retorno a Wagner. Amado Neruo contudo não teve no seu tempo a repercussão de Dario nem certamente fará uma volta estrondosa no nosso mundo poetico. A sua poesia cheia de intimidades, o seu lirismo entre o sonho e a vida, viverão todavia enquanto o misterio e o amor não tenham desaparecido da vida terrena.

Mientras haya un misterio para el hombre,
— Habrá poesia!

canta o "Huesped de las nieblas" e o fato de Bernardo Ortiz de Montellano dele se ter ocupado nesta nossa agitada decada, bem o comprova.

1) — Os deis quartetos, traduzidos por Eduardo Martins, são no original os seguintes:

Fué en una hora divina para el género humano,
El cisne antes cantaba tau sólo para morir,
Cuando se oyó el acento del cisne wagneriano
Fué en medio de una aurora, fué para reviver.

Sobre las tempestades del humano oceano
Se oye el canto del cisne, no se cesa de oír,
Dominando el martillo del viejo Thor germano
O las trompas que cantan las tropas de Argentin.

Informação sobre a Casa de Rui Barbosa

(Conclusão da última página)

lítico ou íntimo, de valor inestimável como elementos de caráter histórico, como cheios de sugestão para um conhecimento adequado de sua intimidade doméstica.

Grande número de pessoas visita a Casa de Rui Barbosa com a maior frequência, sendo grande a curiosidade da população da cidade em torno da Casa de Rui, que é igualmente procurada por uma multidão de pessoas em trânsito, como por turistas de outros Estados e estrangeiros, mas sobretudo por estudiosos que investigam com interesse crescente aspectos diversos de sua obra grandiosa.

A Casa de Rui Barbosa é um departamento do Ministério de Educação e Saúde Pública, funcionando entretanto sobre administração autônoma e independente. Adquirida no Go-

vêrno Arthur Bernardes, foi entregue à franquia pública em 13 de Agosto de 1930. Durante longo tempo esteve a casa abandonada, com os parques e jardins invadidos pelo matagal, sendo as linhas primitivas dos mesmos restabelecidas durante o governo do Presidente Washington Luís.

A Casa de Rui Barbosa vem promovendo, entre outras iniciativas de vulto a edição das Obras Completas do eminente polígrafo, muitos volumes dos quais já foram publicados, sob a supervisão dos escritores Homero Pires e Américo Jacobina Lacombe, este último diretor da instituição, sendo para destacar entre eles "Páginas Li-

terárias", "Campanha Presidencial", "Uma Campanha Política", "Novos Discursos e Conferências", "Correspondência", "O Divorcio e o Anarquismo", e "Comentários à Constituição Brasileira".

Seria matéria para toda uma longa série de reportagens descrever as diversas peças de que se compõem a casa, como discriminar os objetos, móveis e documentos colecionados em cada uma delas, ao mesmo tempo que fornecer um sumário dos diferentes e utilíssimos serviços em que se ocupa presentemente a instituição.

O importante é saber que o visitante sai encantado depois de percorrer todas

as dependências do casarão venerável, certo do carinho com que ali se cultivava a memória do grande brasileiro, através de um trabalho minucioso e metódico, por onde se revela uma organização perfeita e idealista. Está portanto justificado o imenso entusiasmo que transborda das impressões escritas pelos visitantes no grande livro deposto na mesa enorme da antiga sala de jantar de Rui, por onde se advinha muito vivo o fervor cívico com que continua a ser popularmente admirado pela nossa população.

Neste ponto a Casa de Rui Barbosa merece o mais decisivo aplauso, pela boa ordem interna de seus serviços e iniciativas que tem tomado, podendo mesmo ser apontada como um modelo de organização eficiência e patriotismo.

O Romance Brasileiro Atual

ADERBAL JUREMA

JOSE LINS DO REGO, numa entrevista apressada, declarou que a atual geração é traquinha em matéria de livros de ficção, no que estou de acordo, pois nunca mais tivemos uma novidade em romance. O próprio "best-seller" de 48, "Presença de Anita", de Mário Donato, é um livro que deixa muito a desejar como romance diante do que já se publicou na França há mais de dez anos passados. Tecnicamente bem construído, o romance do sr. Mário Donato não traz nada de novo para a ficção brasileira e incorre, a meu ver, num pessimismo doentio quando explora a vida mórbida de dois seres que nem sabem mesmo se o amor é aquilo que eles praticam. No mais, temos os livros do sr. José Mauro de Vasconcelos, sem dúvida o de maior força entre os nomes novíssimos da atual geração de ficcionistas nacionais. Sente-se, no entanto, nas histórias do sr. José Mauro um ar de reportagem que não consegue imprimir uma atmosfera mais densa e segura aos seus personagens. Por tudo isso não é saudável o estado atual do ficcionismo brasileiro que está se limitando a reportagens romanceadas ou a imitações passionais do já usado romance francês.

Diante da força de vida de um povo jovem como o nosso, o romance regional ou de costumes precisa dar seus mergulhos corajosos nas tramas das almas a fim de que possa, na verdade, refletir a nossa fisionomia de povo em formação. Não é se descrevendo somente canaviais ou garimpos que se faz romance social. É preciso ir mais longe, perscrutar com intensidade a luta dos homens contra as coisas ou contra outros homens sem a preocupação de apresentar o bizarro como novidade, como se o bizarro por si mesmo tivesse força para romancear a vida dos personagens.

Leia os nossos romancistas o velho Cervantes e depois tentem fazer o inventário da nossa sociedade onde em cavalos de ferro andam muitos dons quixo-

ts travestidos de agitadores, muitos sanchos metidos em casacos de veludo. E muito moinho de vento fazendo medo ao nosso pobre leitor comum que cada dia mais se empobrece com uma subliteratura mórbida e sob alegria de viver.



Igreja de S. Francisco — Desenho de Wilson Rodrigues

Informação sobre a Casa de Rui Barbosa

Reportagem de AUGUSTO MARTINS

RIO — Como todos sabem será comemorado este ano o centenário de Rui Barbosa. Todas as instituições culturais de maior importância no país estão preparando solenes programas de comemorações. As próprias casas editoras estão imprimindo novas edições de livros sobre a vida e a obra do grande vulto de brasileiro que foi Rui Barbosa. Entre outros já apareceu a segunda edição do livro do escritor Luis Viana Filho, recém-lançado pela Companhia Editora Nacional.

O momento é portanto oportuno para informar o leitor sobre a existência e funcionamento no Rio da Casa de Rui Barbosa, espécie de pequeno Museu dedicado à celebrar sua memória, conservando os objetos que lhe pertenceram em vida, como promovendo a maior divulgação possível de sua grande obra como escritor. Enfim, trata-se de uma pequena fundação, destinada a cultivar a memória de Rui Barbosa.

A Casa de Rui Barbosa funciona na Rua São Clemente n. 134, no edifício mesmo onde por cerca de trinta anos consecutivos residiu Rui Barbosa, casarão antigo de arquitetura severa e nobre, rodeado de um grande parque arborizado, onde se diz que nos dias de violento calor carioca costumava Rui Barbosa trabalhar à sombra das grandes árvores.

Quem visita a fundação de São Clemente encontrará logo na entrada o busto em mármore de Rui, tendo numa placa a seguinte inscrição:

"A Rui Barbosa herma mandada colocar em nome

da Bahia pelo seu interventor Cap. Juracy Magalhães em 11 de Agosto de 1933".

Percorrendo as dependências da Casa de Rui Barbosa vamos deparando os diversos títulos de suas salas, cada um deles referindo de perto uma fase da atividade de Rui Barbosa, na grande trajetória pela vida pública e intelectual do país, e onde se acham colecionados os principais objetos correspondentes a cada um das etapas de sua vida.

Temos assim a "Sala de Haya", como diversas outras com os nomes de "Es-

tado de Sítio", "Pro-Alia-dos", "Civilista", "Casamento Civil", "Buenos Aires", "Código Civil", "Habeas-Corpus", etc. Como vemos acusam períodos destacados de sua imensa obra de trabalhador incansável que foi durante toda a vida, documentando assim minuciosamente os múltiplos aspectos da grande obra que deixou como jurista e homem público.

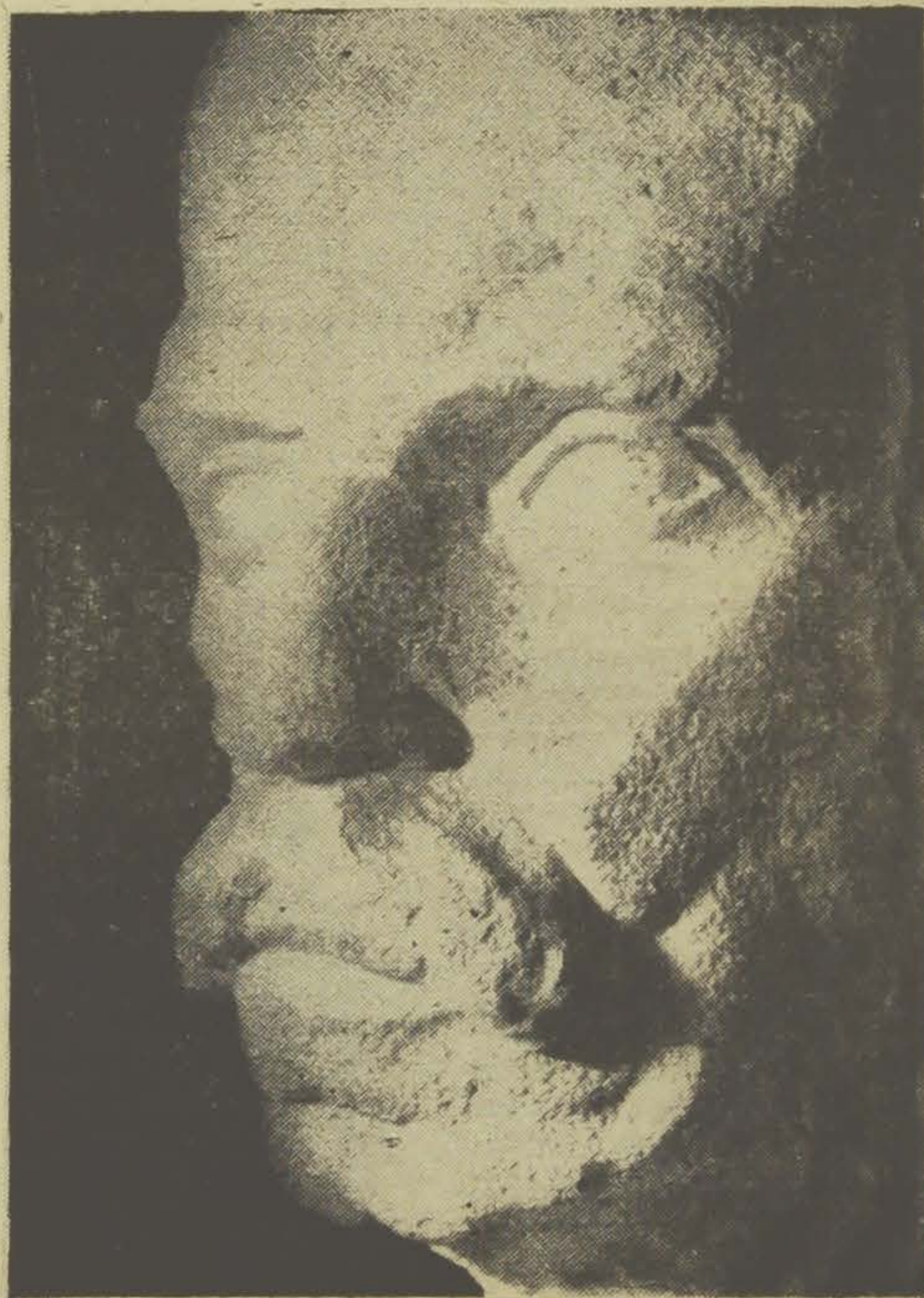
Entre as peças mais interessantes e também mais importantes para a curiosidade do visitante que vai à Casa de Rui Barbosa está decerto a grande biblioteca do morto ilustre, que

reúne uma cópia fabulosa de cerca de trinta e cinco mil volumes. A título de ilustração, anotamos que a maioria dos volumes contidos na biblioteca estão minuciosamente anotados por Barbosa, muitos dessas anotações escritas na própria língua do autor comentado, o que revela uma prova decisiva de sua maravilhosa erudição linguística.

Todos os livros que pertenceram a Rui Barbosa são hoje conservados em encadernação, e protegidos por estantes envidraçadas, absoluto zelo pelos diretores da casa, sobretudo por se tratarem em grande parte de obras não só valiosas pelo seu caráter de relíquias da biblioteca do escritor ilustre, como também por serem alguns verdadeiras raridades bibliográficas.

Interessante para o leitor é saber que Rui Barbosa, quando em missão diplomática do governo brasileiro na Holanda, adquiriu para seu uso pessoal, no hotel onde se hospedara, um mobiliário quase completo, que constava de uma estante, uma secretária e três cadeiras, com assento e encosto de couro, que pode ser visto no seu "Gabinete Holandês" ou "Sala de Haya", numa das dependências do casarão da Rua São Clemente.

Entre os móveis mais interessantes que chamam a atenção do visitante estão uma cadeira, toda de madeira, larga e baixa, onde Rui costumava ler, nas suas longas horas de leitor incansável, e um grande cofre de ferro, onde está reunida uma larga cópia de documentos de caráter po-



Rui Barbosa — (Busto realizado por Bruno Giorgi para o Ministério da Educação (Foto Gautherot)

(Conclui na página 15)